

Continuação do livro “A Grande Quaresma, uma viagem para a Páscoa

## 5. O Perdão

(Domingo da Tirofagia)

Eis-nos chegados aos últimos dias antes da Quaresma. Já durante a semana da abstenção de carne, que precede o Domingo do perdão, a quarta e a Sexta-feira são postos a parte como sendo dois dias propriamente de Quaresma, onde não se celebra a Divina Liturgia e onde os ofícios litúrgicos têm a ordenação e as características da Quaresma. Na quarta-feira, nas vésperas, saudamos a Quaresma com este belo Hino:

“A primavera do jejum surgiu  
a luz do arrependimento!  
Irmãos, purifiquemo-nos de toda mancha.  
e cantemos àquele que dá a Luz:  
Glória a Ti, Amigo do homem!

Depois, no sábado da Tirofagia, a Igreja comemora “todos aqueles e aquelas que foram iluminados pelo jejum”, os santos que são nossos modelos e guias na difícil arte do jejum e do arrependimento. No esforço que vamos empreender, não estamos sós:

“Cantemos a assembléia dos bem aventurados Padres  
Antônio o Grande, Eutimo o Luminoso,  
cada um em particular e todos juntos.  
Percorramos suas vidas  
como um outro Paraíso de delícias”

Temos neles ajuda e exemplo:

“Honramo-vos como modelos,  
ó Padres Santos!  
Vós nos ensinastes verdadeiramente  
o andar no caminho reto;  
Sois benditos  
pois trabalhastes para Cristo”

Enfim vem o último dia da semana, geralmente chamado Domingo do perdão, mas cujo outro nome litúrgico deve também ser lembrado: “A expulsão de Adão do paraíso das delícias”. Este nome de fato resume toda a preparação à Quaresma. Sabemos agora que o homem foi criado para o Paraíso, para conhecer Deus e estar em comunhão com Ele. Seu pecado o privou desta vida bem aventurada e sua existência na terra é doravante um exílio. Cristo, Salvador do mundo, abre a porta do Paraíso a quem quer que o siga, e a Igreja, ao nos revelar a beleza do Reino, faz de nossa Vida uma peregrinação em direção a nossa pátria celeste. Assim, neste começo de Quaresma, parecemo-nos com Adão:

“Adão foi expulso do Paraíso  
por ter comido um fruto,  
eis porque, sentado diante dele,  
chorava e exclamava: Ai de mim! ...  
Transgredi  
um único mandamento do Mestre  
E eis-me privado de todos os bens.

Ó Santo Paraíso, plantado por minha causa,  
e agora fechado para mim, por causa de Eva,  
suplica a Teu Criador e ao meu  
a fim de que eu possa novamente  
ser coberto por suas flores!”

Então o Salvador responde:

“Não quero que minha criatura pereça  
mas que ela se salve,  
e conheça a verdade;  
Não repudiarei  
aquele que vem a mim”.

A Quaresma é nossa libertação da escravidão do pecado, da prisão deste mundo”. E o Evangelho deste último Domingo (Mt 6 | 14—21) coloca as condições desta libertação.

A primeira é o jejum. É a recusa em aceitar como normais os desejos e impulsos de nossa natureza decaída; e é um esforço para sacudir a tirania da carne e da matéria sobre o espírito. Para ser efetivo, entretanto, nosso jejum não deve nem hipócrita, nem ostensivo. É preciso que nosso jejum “seja conhecido não pelos homens, mas por nosso Pai que esta nos céus”.

A segunda condição é o perdão: “Se perdoardes aos homens suas ofensas, vosso Pai Celeste também vos perdoará”. A vitória do pecado, a marca principal e sua dominação do mundo, é a divisão, a oposição, a separação, o ódio. Assim, a primeira brecha na fortaleza do pecado é o perdão, isto é, o retorno à unidade, à solidariedade, ao amor. Perdoar é colocar entre meu inimigo e eu o radioso perdão do próprio Deus. Perdoar é escapar ao desesperador impasse a que tendem nossas relações humanas e referi-las a Cristo. O perdão é verdadeiramente uma abertura para o Reino neste mundo pecador e decaído.

A Quaresma começa efetivamente com as Vésperas deste Domingo. Este Ofício único, tão profundo e tão belo, está ausente de tantas das nossas igrejas! E no entanto nada revela melhor o tom da Grande Quaresma da Igreja Ortodoxa, em nenhum outro lugar manifesta-se melhor seu profundo apelo ao homem.

O Ofício começa como Vésperas Solenes, o clero está revestido de ornamentos de cor clara. Os cantos (stikerons) que seguem o salmo: “Clamo a ti Senhor...” anunciam a vinda da Quaresma e, para além da Quaresma, a aproximação da Páscoa.

"Comecemos alegremente o tempo do jejum  
e lancemo-nos no combate espiritual,  
guardemos nossa alma do mal  
e purifiquemos nossa carne.  
Jejuemos de toda paixão  
assim como de alimento,  
e que nossas delícias sejam  
as Virtudes do Espírito.  
E que praticando-ás com perseverança  
e amor

possamos todos nós conseguir  
ver a venerável Paixão de Cristo,  
e, no júbilo espiritual,  
a Santa Páscoa”.

Vem depois, como de hábito, a entrada, no cântico do hino da noite: “O Luz Jubilosa da Santa Glória do Pai ...”. O celebrante se coloca então no “lugar alto”, atrás do altar, para aproclamação do prokimenon da noite, que é sempre o anúncio do fim de um dia e começo de outro. O Grande Prokimenon deste dia anuncia o começo da Quaresma:

"Não escondas Tua face de Teu servo  
Pois estou aflito!  
Escuta-me sem demora  
Toma conta de minha alma e liberta-a!"

Escutem a melodia única deste trecho, este grito que repentinamente enche toda a igreja: “Pois estou aflito”, e compreenderão este ponto de partida da Quaresma, onde se misturam misteriosamente desespero e esperança, trevas e luz. Toda a preparação chega neste momento a seu termo. Coloco-me diante de Deus, diante da glória e da beleza de seu Reino. Apercebo-me de que faço parte dele, que não Tenho outra morada, nem outra alegria, nem outro objetivo; apercebo-me também de que estou expulso, exilado nas trevas e na tristeza do pecado: “Pois estou aflito!”. E, enfim, compreendo que somente Deus pode me socorrer em minha aflição, que somente Ele pode “tomar conta de minha alma”. O arrependimento é a cima de tudo um chamado desesperado ao socorro divino.

Repetimos este prokimenon cinco vezes. Depois começa a Quaresma. As roupas de cor clara são depostas, as luzes apagadas. Quando o Padre entoas as súplicas da litania da noite, o coro responde no modo da Quaresma. Diz-se pela primeira vez a oração de Quaresma de S. Efrem, acompanhada de metanóias . No fim do ofício, todos os fiéis se aproximam do Padre e se inclinam uns para os outros, para se pedir perdão mutuamente. E enquanto se realiza este rito de reconciliação, e inaugura-se a Quaresma por este momento de amor, de união e de fraternidade, o coro entoas os cânticos de Páscoa. Devemos errar 40 dias no deserto da Quaresma. No fim, contudo, já brilha a luz da Páscoa, a luz do Reino.